

SÃO TOMÁS DE AQUINO E SANTO AGOSTINHO

E A MULHER NA IDADE MÉDIA

*Alexandre Bueno Salomé de Souza*⁴²

Resumo:

Essa pesquisa tem como objetivo mostrar as bases religiosas da não autonomia da mulher na sociedade feudal. Através da análise dos escritos de São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, têm-se uma leitura da visão sobre a mulher através da ótica da igreja católica na idade média. Destas análises históricas acerca da dominação e da relação entre os sexos masculino e feminino, que resultaram impactos diretos e indiretos na sociedade da época e nos dias atuais, conclui – se que a dominação do homem sobre a mulher é cíclica.

Palavras Chave: Mulher; Santo Agostinho; São Tomas de Aquino; Idade Média

Introdução:

São Tomás de Aquino (AQUINO. 1999. p.73 – 74) afirma que a criação é obra de toda a Santíssima Trindade, e que constitui uma união de ser, verdade e bem que espelha a Unidade das três pessoas divinas: Pai, Filho e Espírito Santo. Deus pai opera a criação pelo seu verbo, que é filho, e pelo seu amor, que é o Espírito Santo. Assim todo ente tem, uma essência, uma natureza, um modo de ser pensado, planejado por Deus. Cada coisa criada é o que é, possui uma natureza, precisamente por ter sido criativamente criada pelo Verbo, por proceder de um design divino do *logos*.

Santo Agostinho (AGOSTINHO. 1990. p.88-89) afirma que ao criar os animais, solitários e solívagos, Deus criou o homem para ocupar lugar entre os anjos e os irracionais, Deus criou apenas um. Criou – o, porém, de tal forma, que, se sujeito a seu Criador, como a verdadeiro Senhor, lhe cumprisse piedosa e obedientemente os preceitos, passaria sem morrer em companhia dos anjos, a gozar de imortalidade feliz e eterna... Deus fê – lo um e só, não para privá – ló da sociedade humana, e sim para encarecer – lhe sempre mais a unidade social e o vínculo da concórdia, que aumentaria, se os homens não se unissem apenas pela semelhança da natureza, mas também pelos laços de parentesco. Tanto é verdade, que não quis como fez com o homem, criar a mulher que lhe serviria de companhia, mas formou – a dele, para todo o gênero

⁴² Mestrando pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bolsista CAPES.

humano propagar – se a partir de um homem apenas... Deus fez o homem à sua imagem e deu – lhe alma, dotada de razão e inteligência, deu – lhe companheira como auxiliar para a geração, formando – a, com Deus, de uma costela de Adão. Então Deus disse:

Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra; Deus criou o homem à sua imagem; criou o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher. Então o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou – lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez a mulher, e levou – a para junto do homem. Eis agora aqui, disse ao homem, o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem. (Gênesis 1; 26 – 27, 2; 21- 23)

Entretanto, conforme nos relata (SILVA. 2008), São Tomás de Aquino afirma que, a alma e o corpo foram criados a partir de um único gesto, primeiro o homem, depois a mulher, mas ambos criados a imagem de Deus, o mesmo deixa claro que a mulher é um ser imperfeito e deficiente. Já Santo Agostinho levou em consideração os dois relatos sobre a criação, enxergando entre eles uma continuidade. Segundo (OLIVEIRA. 2008) afirma que a masculinidade passou a ocupar a soberania dentro da religiosidade cristã, ao feminino foi legado o papel de receptora ou mediadora da divindade masculina, a teóloga ainda diz que não se pode ignorar que alguns textos bíblicos apareçam elementos totalmente patriarcais e que as questões de gêneros possuem uma história de morte, sofrimento resistência e servidão, a autora ainda analisa que a bíblia por ser uma obra literária muito antiga reflete culturas, costumes, idiomas muito diferentes, sendo assim os papéis femininos foram sublimados e também assumidos dentro de um poder espiritual masculino, para ela a religião se constitui das estruturas de valores sociais e propícia um sistema de organização não apenas da vida material como também da vida ética. Para o historiador (DE SOUSA. 2003. p. 160) ao longo da Idade Média, houve uma metamorfose na concepção da mulher; alguns Padres da Patrística - Tertuliano, Santo Ambrósio, São Jerônimo e Santo Agostinho - viram a mulher como um ser inferior ao homem.

Se pudéssemos livrar o mundo das mulheres, não ficaríamos afastados de Deus durante o coito. Pois que verdadeiramente, sem a perversidade das mulheres, para não falar da bruxaria, o mundo ainda permaneceria à prova de inumeráveis perigos. Tu não sabes que a mulher é a Quimera, embora fosse bom que o soubesses; pois aquele monstro apresentava três formas: a cabeça, nobre e radiante, era a de

um leão; o ventre obsceno era o de uma cabra, e a cauda virulenta era a de uma víbora. Queria assim dizer que a mulher, embora seja bela aos nossos olhos, deprava ao nosso tato e é fatal ao nosso convívio. (INSTITORIS. 1997. p.119 – 120)

Para (DE SOUSA. 2003. p.159) à semelhança da antiguidade greco-romana, a Idade Média foi também uma época dominada pelos homens: senhores feudais, cavaleiros, padres e monges. Dissemos predominantemente, mas não exclusivamente, porque neste período histórico, algumas mulheres exerceram importantes funções fora do lar, sendo abadessas, rainhas e dirigentes empresariais. Segundo ele muitas conquistaram o status de santas canonizadas pela igreja católica uma criatura submissa e dependente do pai e do marido, e juridicamente tutelada.

Ainda segundo (DE SOUSA. 2003. p.166) os mosteiros femininos eram povoados por mulheres nobres, que eram abandonadas pelos maridos, ou que enviuvavam, ou que se rebelavam contra a opressão da família. Outras, ainda jovens, obedientes aos pais, se consagravam a Deus.

Segundo (NOGUEIRA. 1991), São Tomás de Aquino reafirma que a mulher é um ser imperfeito:

No fenômeno da geração, é o homem que desempenha um papel positivo, sua parceira é apenas um receptáculo. Verdadeiramente, não existe mais que um sexo, o masculino. A Fêmea é um macho deficiente. Não é então surpreendente que este débil ser, marcado pela *imbecilias* de sua natureza, a mulher, ceda às tentações do tentador, devendo ficar sob tutela. (NOGUEIRA. 1991. p.105)

O historiador Nogueira (1991. p.106) esclarece que a mulher é aviltada e degradada pelos eruditos e magistrados da época, baseados em citações misóginas e preconceituosas, que afirmam, a um nível ideológico e pragmático, a malignidade e a incompetência feminina.

Para (DE SOUSA. 2003. p.161), a corrente intelectual de valorização da mulher foi elaborada pelos teólogos João Duns Escoto, Alberto Magno, Tomás de Aquino, quando eles desenvolveram os fundamentos do culto de veneração à Virgem Mãe de Deus. Ele afirma que Maria foi apresentada à cristandade como a Nova Eva, escolhida por Deus para ser a mãe do seu Filho, o Salvador. Sendo assim, nesta perspectiva teológica, a mulher deixou de ser vista como a "encarnação do mal" para ser

considerada como um ser humano, criado também por Deus, e capaz de adquirir grandes virtudes.

Entretanto o culto mariano valorizou a virgindade como uma forma de consagração a Deus. Sousa evidencia que a visão da mulher, a partir de Maria, sensibilizou milhares de jovens de todas as camadas sociais, que ingressaram nas instituições religiosas católicas. Contudo, através do trabalho dedicado aos pobres e da oração contemplativa, elas testemunharam os valores transcendentais da religião cristã e conquistaram a glória dos altares.

Para (NOGUEIRA. 1991. p.110 – 111), No século XII, inicia – se um processo de idealização do feminino, uma das manifestações desta idealização é o amor cortês, que é em grande parte um expediente literário, utilizado somente entre aristocratas e sem nenhuma relação com uma igualdade prática, nele, a senhora de alto nascimento era elevada a uma posição idealizada acima do seu correspondente masculino. Nogueira esclarece que apesar da Virgem Maria ser venerada no cristianismo primitivo, a Virgem não era um dos santos mais importantes, porém, do século XII em diante, o culto a Maria cresce por toda a Europa, segundo alguns autores, representava uma tentativa limitada e inconsciente de trazer de volta o princípio feminino para o conceito de divindade. Todavia de acordo com Nogueira a idealização da mulher tem um efeito contrário, pois quando qualquer princípio é exaltado tende a criar uma sombra, uma imagem reflexa, um princípio oposto. O exagero da bondade e pureza do ente feminino, no amor cortes e no culto da Virgem, cria a imagem do espírito feminino maligno. A Virgem Mãe de Deus encarnava dois aspectos do antigo simbolismo tríplice da mulher: a Virgem e a Mãe. Mas o cristianismo reprimiu o terceiro ponto, o tenebroso espírito da noite e o mundo subterrâneo, este lado negro do princípio feminino não desapareceu, ao contrário, quando o poder da mãe de Deus cresceu, desenvolveu a imagem maligna do espírito do feminino. Nogueira evidencia que nas religiões antigas, o lado negro estava integrado com a sua face luminosa, mas agora, inteiramente apartado da parte positiva do princípio feminino e reprimido, tornou – se totalmente mal. A esta situação, adiciona – se outra transformação, nas religiões antigas, a porção maligna era relacionada com um ser espiritual, uma divindade, ou ao menos um demônio; mas na Europa cristã, o arquétipo maligno foi projetado em seres humanos. Segundo, (JÚNIOR. 2010. p. 273), o mito do pecado original seduzia fortemente os Cristãos da Europa ocidental na idade

Média central. Essa força de sedução devia – se, como para todos os mitos, a sua força explicativa, a resposta que oferecia a numerosas questões existenciais. De um lado, os homens da idade média viam nele o início de todas as limitações e de todas as fraquezas da natureza humana, fossem elas físicas (pequena estatura, menstruação, calvície, doenças, morte) fossem morais (orgulho, desonestidade, inveja). De outro lado, ele explicava e justificava um fenômeno social essencial para a época: a inferioridade da mulher. Para ele, enquanto nos dez primeiros séculos do cristianismo a representação original esteve concentrada em sarcófagos (sobretudo nos séculos IV e V) e cruzes de cemitério (em particular nos séculos IX e X), o que provavelmente decorria da visão pessimista do cristianismo da época, as coisas mudaram após o ano 1000.

Se em relação (JÚNIOR. 2010. p. 277), ao pecado original a teologia do século XII era um pensamento ardente e variado, de uma grande curiosidade de espírito que a fazia lidar com diferentes problemas, às vezes dona de uma audaciosa liberdade que a fazia propor soluções novas, quanto ao fruto proibido ela quase sempre evitava uma definição, segundo ele, a iconografia, em função da linguagem utilizada e do público ao qual se dirigia, podia ser mais objetiva. Contudo, mesmo assim hesitava, principalmente entre o figo e a maçã. A herança clássica não facilitava a escolha, pois para ela tanto o figo (ligado a Cronos e Dionísio) como a maçã (associada à Hera e Afrodite) eram frutas ambíguas, perigosas, sexuadas, ao contrario por exemplo da oliva, casta como a sua criadora Atená.

Ao longo dos séculos, a maçã continuou presença constante na iconografia do pecado original. Também na literatura ela foi frequentemente usada como fruto proibido. Na paremiologia, este parece ser o sentido de um provérbio registrado em princípios do século XIII, segundo o qual “mais vale maçã dada que comida”. (JÚNIOR. 2010. p.283- 284)

O historiador (NOGUEIRA. 1991. p. 104 – 105), diz que São Paulo escreve uma carta a Coríntios, dizendo que: “É bom o homem não tocar a mulher. Todavia, para evitar a fornicção, tenha cada homem a sua mulher e cada mulher o seu marido” (I Cor. 7, 1-3). O autor ainda afirma que sendo a primeira a introduzir o pecado no mundo, aproximar – se dela ameaça à perdição da alma. Seu corpo é um obstáculo permanente ao exercício da razão, e pensava Gregório VII que era quase impossível sair – se puro do abraço conjugal. São Tomás de Aquino vai sistematizar e dar uma autoridade indiscutível à ideia de imperfeição do feminino afirmando que no fenômeno da geração,

é o homem que desempenha um papel positivo, sua parceira é apenas a que recebe. Verdadeiramente, não existe mais que um sexo, o masculino. Para ele a mulher deve ficar submissa ao homem.

Para as mulheres de boa índole são muitíssimos os louvores, e lemos que tem trazido a beatitude aos homens e tem salvado nações, terras e cidades; como claro está no caso de Judite, de Débora e de Ester. Abençoado o homem que tem uma boa mulher, pois se duplicará o numero de seus anos. (INSTITORIS. 1997. p.115)

(SILVA. 2008) Afirma que o apóstolo Paulo tinha ideias misóginas, o mesmo afirmava que a mulher reflete o homem e não a imagem de Deus, e que o homem não deve cobrir a cabeça, pois é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem e que o homem não veio da mulher, mas a mulher do homem e conclui dizendo que o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher do homem. A historiadora (SILVA. 2008), ressalta que Santo Agostinho diz que:

Num primeiro momento Deus fez surgir à alma racional e imortal que não possui sexo, pois contém em si toda essência da natureza humana, criada a imagem de Deus. Essa essência espiritual comunica – se, diretamente com o Senhor e partilha de sua racionalidade e inteligência divina. Deve ser privilegiada em detrimento do ser feito de matéria, perecível ao tempo, cuja criação será narrada no segundo relato do Gênesis. Nessa segunda etapa, Deus gera o Homem exterior, ou seja, o individuo sexuado, corporificado e temporal. Este Adão, o primeiro homem, de cuja matéria se cria a primeira mulher, um ser secundário e dependente material e temporalmente do homem, segundo a vontade divina. Tal concepção fornecerá à teologia medieval a fundamentação teórica da inferioridade feminina e justificará a prática de opressão e domínio do homem sobre a mulher. (SILVA. 2008)

Contudo, conforme vemos em (CLARK. 2006. p.164-165), as mulheres eram maliciosas, rancorosas e vingativas e que quando concebiam a ira ou ódio contra alguém, eram implacáveis. Essas misoginias foram frequentemente analisadas e, em anos recentes, frequentemente lamentadas. Sustenta-se que, ao formula – las, os escritores desempenham um importante papel na promoção da agressão contra as mulheres em escalas Européias, bem como em ventilar as diversas fantasias e anseios sexuais de seu sexo e seu grupo profissional. No entanto o autor nos revela que a distancia cultural que separa suas ideias sobre as mulheres das de hoje não é maior nem menor que aquela que separa sua ciência, sua religião, ou sua política das equivalentes modernas. O repudio contra as mulheres incorporava ideias aristotélicas tradicionais

considerando as imperfeições inatas das mulheres como homens deformados, e a ainda mais profundamente arraigada hostilidade cristã às mulheres Omo originadoras do pecado. Ela se apoiava, assim como todos os escritos contemporâneos sobre a natureza das mulheres, em enunciados familiares, muito reiterados por São Paulo, pelos padres e pelos filósofos e teólogos medievais. Conforme já relatado acima, a *imbecillitas* feminina, por exemplo, havia sido um tema rotineiro na literatura jurídica e religiosa medieval, enquanto a metáfora da mulher como *jauna diaboli* derivada do *De cultu feminarum* de Tertuliano, onde as mulheres eram por natureza, inferiores aos homens, e que Satã assediou primeiro a mulher, porque, sendo ela o vaso mais fraco, era mais facilmente seduzido. Ainda segundo (CLARK. 2006. P.173-174), para Aristóteles, a diferença sexual era uma questão de contrariedade, baseada no oposto de privação. Dele a Renascença herdou também outros paralelos entre o feminino e o passivo, material, desprovido, potencial, imperfeito e incompleto – todos eles polos negativos de oposições hierárquicas.

A este respeito, é importante que a petrificação de concepções polares de gênero encontradas em intelectuais medievais entre os séculos XII e XIV devesse também refletir as opiniões de Aristóteles, bem como o endosso de Aquino a elas. Susan Stuard argumenta que a atribuição sistemática de qualidades contrárias por sexo não era popular no começo da idade média, quando se sentia que a similitude, mais que a diferença, unia homens e mulheres. No pensamento novo, os traços tendiam a ser inicialmente atribuídos aos homens e depois, seus opostos às mulheres. Como nas colunas pitagóricas, o próprio processo de categorização tornou – se a influencia dominante nas posições sobre mulheres, Clark afirma que os europeus começaram a falar e pensar na mulher como categoria e não sobre as mulheres tais como as conheciam, com as consequências previsíveis para sua posição social e reputação moral. Foi dessa maneira que os homens foram dotados de uma forma de alma superior e as mulheres de uma inferior – a primeira, uma *mens* superior (ou *spiritus*), sugerindo racionalidade, a segunda, com implicações duradouras para a misoginia e as crenças em bruxaria, uma *anima* inferior (ou *sensus*), conotando sensualidade.

Os escritores, especificamente sobre mulheres e questões relativas a mulheres, realizavam suas trocas nas estruturas linguísticas da contrariedade, como comerciantes negociando uma moeda comum. Pouco importa que fossem misóginos ou filóginos. Ercole Tasso, cujo tratado sobre o casamento circulou por toda a Europa em tradução,

dissuadia candidatos a maridos com base em que os homens deveriam evitar, e não procurar, os seus opostos: “O homem, sendo o Ato e a Forma [...] deve seguir, e tomar o que é bom: e por esta razão, a mulher é feita daquela parte que é pior”. Se o homem era *ens*, a mulher era *nonens*, “sendo nada, ou uma coisa sem substância”, e “não concebida por nenhum outro aspecto ou uso senão como receptáculo de alguns de nossos humores excrementais”. (CLARK. 2006. p.175)

Clark relata que Gratien Du Pont (CLARK. 2006. p. 176-177), um dos ácidos misóginos da França, escreveu que Deus havia dividido os sexos assim como dividiria o mundo todo em opostos polares – belo e feio alto e baixo, rico e pobre, e assim por diante. O autor ainda relata que na Inglaterra, um dos mais notórios misóginos jacobinos, Joseph Swetnam, declarou que a mulher era “nada mais que um contrário do homem”. Seu raciocínio tomou a forma usual; “como em todas as coisas há um contrário que mostra a diferença entre o bom e o mau, então para homens e mulheres há formas contrárias de comportamento”.

A apresentação de imagens positivas das mulheres, (CLARK. 2006. p.179-180), em qualquer forma, parece contradizer a polaridade direta do gênero com seu peso usual. Mas muito longe da réplica misógina de que a melhor das mulheres era sempre pior que o pior dos homens, as virtudes apreciáveis nas mulheres eram frequentemente, ou de origem masculina (como a erudição) ou, mais usualmente, os contrários das masculinas (como a obediência). Clark nos deixa claro que essas imagens permaneciam precisamente unidas, portanto, à lógica que normalmente subordinava as mulheres como um todo aos homens, atribuindo lhes traços negativos e inferiores.

As mulheres complementavam os homens em sua inferioridade e os definiam por sua diferença. Como outros itens negativos no mundo moral e social, elas eram normalmente contidas por seus opostos positivos. Nesta condição, eram necessárias, como o próprio mal, para manter o estado de *concordia discors*; na fórmula incansavelmente repetida, eram maus necessários. E descrever aquela condição era descrever a boa mulher – pia, paciente, silenciosa, agindo conforme os padrões masculinos de sexualidade, domesticidade e religiosidades femininas, e acima de tudo (como o enquadramento essencialmente exige), obedientes.(CLARK. 2006. p.184)

Conclusão:

Contudo conforme nos relata (DE SOUSA. 2003. p. 170) estudar a situação da mulher na Idade Média é uma tarefa bastante árdua, devido à heterogeneidade das

informações e à amplidão do período, isto é, quase um milênio. O historiador mostra nos a metamorfose do status feminino que, embora parcial, realmente aconteceu. E o lado perigoso, desprezível e diabólico, a mulher passou a ser considerada como dotada de talento, de criatividade e capaz de praticar grandes virtudes humanas e cristãs. O autor conclui que numa época que os valores transcendentais do cristianismo estavam no auge, milhares de mulheres inspiradas no modelo de Maria, a Mãe de Deus, levaram uma vida santa, nos conventos e dedicaram os seus preciosos dias em cuidar dos pobres, dos doentes, enfim dos excluídos. Deus e o ser humano pareciam seres contíguos. Este foi o *ethos* predominante da cultura medieval, vivenciado por grande parte da sociedade. Todavia, a liberdade individual impediu outros segmentos sociais a buscarem outras alternativas e vida. Porém mesmo a mulher se destacando em algumas áreas e sendo nominadas como santas em outras, a mulher sempre será vista como pecadora, errada e diabólica.

Referências:

- AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus: contra os pagãos*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1990.
- AQUINO, Tomás de. *Verdade e conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BIBLIA SAGRADA, Ave Maria, 71ª edição, Edição Claretiana, 1989.
- CLARK, Stuart. *Pensando com demônios*. A Ideia de Bruxaria no princípio da Europa Moderna. São Paulo: Edusp, 2006.
- DE SOUSA, Itamar. *A Mulher Na Idade Média: a metamorfose de um status*. Revista do UNI-RN, v. 3, n. 1/2, p. 159, 2008. Disponível em: <http://www.revistaunirn.inf.br/revistaunirn/index.php/revistaunirn/article/viewFile/97/109>. Acesso em: 23 de julho de 2015.
- INSTITORIS, Heinrich, 1430 – 1505 - *O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro
- JÚNIOR, Hilário Franco; CARDINI, Franco. *Os três dedos de Adão: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 2010.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *Bruxaria e História – As práticas mágicas no ocidente Cristão*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- OLIVEIRA, Kathlen Luana de. *Antropologia Feminina no Antigo Testamento: Mulher Estrangeira como Personificação do Mal em 2 RS 9.30-37*. Protestantismo em Revista,

v. 16, p. 80-98, 2008. Disponível em:
http://www3.est.edu.br/nepp/revista/016/ano07n2_05.pdf. Acesso em: 23 de julho de 2015.

SILVA, Nereida S. Martins da - A Maldição das Filhas de Eva: Uma história de culpa e repressão ao feminino na cultura judaico-cristã. 2008. Disponível em:
http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2008%20-%20Nereida%20Soares%20Martins%20da%20Silva%20TC.PDF. Acesso em: 25 de julho de 2015.